

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A  
IRENE RAMALHO SANTOS

# THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA  
GRAÇA CAPINHA  
JACINTA MATOS  
ORGANIZAÇÃO

**FRAGMENTOS CONTADOS DO ADVIR  
DA M<sup>a</sup> IRENE, ANTES QUE A MEMÓRIA  
SE ME ESVAZIE<sup>1</sup>**

*Angélica Lima Cruz*

Era uma vez. . . Não. Desta vez, eram duas vezes.

Eram duas jovens irmãs casadas que esperavam cada uma a sua criança (ainda não se faziam ecografias). Pelos seus cálculos, deveriam nascer no mês de setembro. Estas duas jovens, agora de esperanças, tinham saído de uma casa grande, com muitas mulheres. Quando alguma das irmãs estava para dar à luz, uma das solteiras deslocava-se do casarão e vinha, antes da data prevista, para assistir ao parto e tomar conta do governo da casa até que tudo voltasse ao normal.

Estávamos em plena Segunda Grande Guerra Mundial, com racionamento em tudo, até na gasolina, o que tornava ainda maior a distância a que se encontravam essas jovens mães da dita casa de onde tinham partido para se casarem, e de onde também haveria de partir a ajuda que esperavam. Uma irmã, só, não podia garantir a assistência aos dois partos. Naquele tempo, quando se apontava uma data para o parto, era em função da menstruação ou das luas. Não houve outro remédio senão abalarem as duas irmãs solteiras,

---

<sup>1</sup> Irei fazer referência a factos anteriores à sua visibilidade académica.

uma para cada casa. E assim vieram ao mundo duas meninas, no dito mês de setembro: uma, no dia 7, a quem deram o nome da avó materna – Angélica. A outra, no dia 30 do mesmo mês, à qual foi dado o nome da mãe – Irene.

Naquele tempo em Portugal, a todas as crianças do sexo feminino, era dado em primeiro lugar o nome de Maria em honra da Virgem. De qualquer maneira, não ficámos mal servidas: M<sup>a</sup> Irene e M<sup>a</sup> Angélica. Com uma educação católica, fizemos todas as etapas desse credo, pelo menos até ao casamento. Também não faltou a participação, cada uma na sua terra, em procissões locais, vestidas a “fazer d’anjinho” – uma figura com aura sagrada.

Vivemos em terras separadas até à vinda da M<sup>a</sup> Irene para o liceu de Braga. Na escola primária, tinha avançado um ano, o que era raro acontecer. Era muito guicha, aprendia muito bem, mas isso não a afetava, nem se vangloriava do seu brilhantismo como aprendiz, e se havia pessoa que o podia confirmar era eu. . . Curiosamente, mais do que uma pessoa se abeirou de mim a indagar se ela estudava muito e eu simplesmente dizia que ela se agarrava aos livros tanto como outra qualquer, só que os resultados eram diferentes. Estou convencida de que, para além de ter uma boa cabeça, o que ouvia nas aulas ficava-lhe, sem qualquer esforço.

A nossa amizade, naquela altura, era recheada de interesses como dançar, cantar, passear pelas ruas no fim das aulas, enquanto comíamos um pastel da Benamor. Foi nessa altura que criámos um código de linguagem só nosso. O ponto alto do nosso conviver eram as idas ao cinema. Vou lembrar uma passagem das nossas vidas relacionada com esse prazer. Pelos nossos 15 anos, a Mima, como nos tratávamos, e tratamos, uma à outra, adoeceu gravemente. Começou por uma apendicite à qual se seguiu uma peritonite que, se hoje é grave, nessa altura, nem falar! Esteve no hospital muito tempo – à morte!. . . sem esperanças de se curar. Chegou mesmo a ser solicitado a vinda a Braga de um médico professor da Universidade do Porto, Álvaro

Rodrigues, para dar o seu parecer sobre uma última tentativa, que era arriscada. Pensava-se que ela iria morrer. Vai daí, fiz uma promessa, que constou nem mais nem menos do que abster-me de ir ao cinema durante um ano! Perdi alguns filmes, mas o que mais me custou foi o *Gigante*, com a Elisabeth Taylor, o Rock Hudson e o James Dean. E o que aconteceu? Já sabemos. . . Apesar disto tudo, nem o ano perdeu.

De seguida, parte para Coimbra, para frequentar o curso de Germânicas na Faculdade de Letras. Numa das visitas que lhe fiz, enquanto me mostrava a Universidade, contou-me o modo como as caloiras, sobretudo as da Faculdade de Letras, que eram muitas, eram avaliadas, nos primeiros dias, pelo mundo académico masculino: qual a mais bonita, sexy e elegante. Havia mesmo um assistente de medicina que era o principal predador das jovens caloiras. Sobre esse figurante mais histórias se contavam. . . Não sei, mas a avaliar pelas que tinham sido eleitas nos últimos anos, o cânone de beleza alinhava pelo cinematográfico de então: abonecadas, alouradas e a dever alguma coisa a um tipo de beleza mais próximo da Brigitte Bardot do que da Grace Kelly ou Ava Gardner. Mas a M<sup>a</sup> Irene não se enquadrava no dito cânone. Era bonita, alta, elegante, culta, além de saber dançar muito bem, tanto os dançares do Minho, como as modas dos anos 50 e 60.

Ambas atravessámos, sem sobressaltos de maior, os ritos de passagem da época: dos soquetes para as meias de vidro, dos sapatos rasos para o tacão alto, a primeira saia travada, o primeiro soutien. . . Atitudes exteriores de contestação, como fumar, que era então só para homens adultos, nunca nos atraíram.

Numa das minhas idas a Coimbra, a M<sup>a</sup> Irene mostrou-me a cidade e todos aqueles lugares emblemáticos exaltados nos fados de lá. Mas outros lugares havia que não faziam parte do repertório romântico desses fados, pelo contrário, denunciavam uma cidade pontuada por lugares e sentidos proibidos para as mulheres. Esta circulação definida pelo mundo masculino tornava Coimbra uma

cidade abafada e cheia de armadilhas para as raparigas: uma rapariga que passasse pelos sítios interditos mais do que uma ou duas vezes ficaria “queimada”, ou seja, falada, badalada, dita sem vergonha de se andar a oferecer.

Com a permanência da M<sup>a</sup> Irene em Coimbra, os convívios passaram a ser mais espaçados. Quase só nas férias grandes.

Casámos no mesmo ano, em 1965, com diferença de meses. Os vestidos, quase iguais, sem tules nem folhos, mas duma simplicidade sóbria, não alinhavam no figurino da época, nem o raminho de malmequeres que a M<sup>a</sup> Irene ripou do muro e levava na mão, mas em sintonia com uma cerimónia simples, íntima e comungada pelos presentes, ao contrário do espetáculo mundano e de exibição, que era o mais praticado nesse tempo. Dali a um ano, começou a descendência, e pouco tempo depois parte ela para os EUA, onde vai iniciar o seu doutoramento. Avizinhava-se o tempo de visibilidade da M<sup>a</sup> Irene.

Com o fim deste advento, acontece a entrada no templo universitário, mas sobre o tempo do templo outras gentes falarão, porque mais do que eu saberão. O que eu sei ainda, até por experiência pessoal, é que a M<sup>a</sup> Irene se distingue também pelo apoio generoso que presta na partilha de conhecimentos e no estímulo que dá a quem dela se abeira em busca de ajuda para a realização e publicação de trabalhos – científicos ou outros.

A nossa é uma amizade, ora contínua ora tracejada, mas sem nunca perder o fio à meada. . .